

CLÁSSICOS PARA CRIANÇAS

booksmile



O Livro da Selva

Índice

CAPÍTULO UM	
A Cria de Homem	7
CAPÍTULO DOIS	
O Conselho da Alcateia	13
CAPÍTULO TRÊS	
As Lições do Balu	19
CAPÍTULO QUATRO	
Raptado!	27
CAPÍTULO CINCO	
Os Covis Frios	31
CAPÍTULO SEIS	
Salvo!	37
CAPÍTULO SETE	
A Flor Vermelha	43
CAPÍTULO OITO	
Vida de Aldeia	51
CAPÍTULO NOVE	
Tigre! Tigre!	57
CAPÍTULO DEZ	
O Regresso a Casa	67

CAPÍTULO UM

A Cria de Homem

A NOITE ESTAVA QUENTE na selva. Numa gruta nas montanhas, a Mãe Loba deitava-se com as quatro crias brincando e rebolando à sua volta. O Pai Lobo acordou do seu sono diurno, bocejou e espreguiçou as patas fortes. Chegara o momento de ir caçar.

De repente, um rugido ensurdecador ecoou pelo ar. Os lobos reconheceram o som. Era o rugido de um tigre, mas não um tigre qualquer.

A Mãe Loba espreitou do interior da gruta. Alguma coisa agitava as folhas por perto. Olhou, espantada, e viu um minúsculo bebé de pele morena rastejar dos arbustos!

— Depressa, traz-me o pequeno — ordenou ao Pai Lobo. E de Imediato, o Pai Lobo correu até ao bebé. Pegou-lhe tão delicadamente como se pegasse numa das suas crias. Os dentes afiados nem sequer deixaram marca na pele suave do bebé.

Pousou-o ao lado da Mãe Loba. O bebé ergueu-se e sorriu. A seguir, o Pai Lobo empurrou as suas crias para mais perto da mãe.

— É tão macio — sussurrou a Mãe Loba. — E não tem medo de nós.

Subitamente, a gruta escureceu. A grande cabeça e os ombros do tigre Shere Khan bloqueavam a entrada.

— Que queres daqui? — perguntou o Pai Lobo, erguendo-se diante da Mãe Loba e das crias.

— Caçava uma cria de homem — rosnou o Shere Khan. — Os pais fugiram. Vi-o vir nesta direção. Entrega-mo!

O Pai Lobo não teve medo. Sabia que o enorme tigre não cabia na entrada da gruta.

— A cria passou a ser nossa — disse ele.

— Como te atreves? Dá-me a cria de homem! — rosnou o Shere Khan, furioso.

Ouvindo aquilo, a Mãe Loba avançou.

— A cria de homem é minha! — gritou, com os olhos brilhando de raiva. — Não o matarás. Viverá connosco, como uma das nossas crias. Deixa-nos em paz. Volta para o teu lado da selva!

O Shere Khan percebeu que seria inútil discutir. Recuou para longe da gruta, mas, enquanto o fazia, gritava:

— A cria de homem será minha um dia! — A seguir, desceu pela encosta abaixo.

— Não deixaremos que aquele tigre volte a aproximar-se de ti — sussurrou a Mãe Loba com voz meiga ao bebê.

O bebé riu-se, feliz.

— Que nome lhe vamos dar? — perguntou o Irmão Cinzento, a mais velha das crias.

— Vamos chamar-lhe Mogli — disse a Mãe Loba.

— E, quando crescer, há de caçar o Shere Khan — acrescentou o Pai Lobo.

O Mogli riu-se inocentemente. Ainda não sabia nada das aventuras que teria, ao crescer na selva!

CAPÍTULO DOIS

O Conselho da Alcateia

NUMA NOITE DE lua cheia, o Pai Lobo e a Mãe Loba levaram as suas quatro crias e o Mogli à Pedra do Conselho. Era um sítio muito especial. Todas as novas crias eram ali levadas para serem avaliadas pela alcateia.

Era um momento de grande ansiedade para a Mãe Loba. O Mogli fazia parte da sua família há duas semanas. Começara a amá-lo

tanto como às suas próprias crias. Mas seria a alcateia a decidir se ele poderia ficar.

No topo da pedra, sentava-se o Akela, o chefe da alcateia. Por baixo dele, formando um círculo, sentavam-se quarenta ou cinquenta lobos, novos e velhos.

No centro do círculo, as novas crias brincavam umas com as outras. Um a um, os lobos mais velhos aproximaram-se e olharam com atenção cada cria.

Por fim, chegaram perto do Mogli, que estava sentado no centro do círculo, brincando com pedras.

De repente, ouviu-se um rugido atrás dos rochedos. Era o Shere Khan.

— A cria de homem é minha! — rosnou. — Para que querem lobos uma cria de homem?

Alguns dos lobos mais jovens concordaram.

— Não queremos uma cria de homem na nossa alcateia! — gritaram.

— Silêncio! — ordenou o Akela. — Todos conhecem a lei da selva. Se dois membros

da alcateia falarem em defesa do Mogli, ele poderá ficar.

A Mãe Loba e o Pai Lobo olharam os lobos no círculo, desejando que algum deles se levantasse para falar em defesa do Mogli! Eles, porque eram os seus novos pais, não podiam falar por ele.

Mas os lobos ficaram sentados em silêncio. Quando a Mãe Loba começava já a pensar que perderia o Mogli, ouviu um grunhido atrás dela.

Era o Balu, o urso-pardo sonolento. A sua função era ensinar as crias a viver na selva. Era a única criatura, além dos lobos, que podia sentar-se no Conselho da Alcateia.

Voltou a grunhir e endireitou-se.

— Falo em defesa da cria de homem — disse. — Que corra com a alcateia. Vou ensiná-lo.

Mas o Akela disse:

— Precisamos que mais alguém fale por ele.
— Nesse momento, uma sombra escura caiu

no interior do círculo. Era Baguera, a pantera negra.

— Venho como amigo, Akela — ronronou. A sua voz era suave e doce como o mel.

— Gosto da cara desta cria de homem — continuou. — Se o deixarem fazer parte da alcateia, dou-vos um boi inteiro. Acabo de o matar e é gordo e tenro.

Os lobos estavam sempre famintos. Um boi seria um festim delicioso. Concordaram imediatamente em deixar o Mogli ficar.

O Shere Khan não ficou nada satisfeito. Rugiu muito alto e desapareceu na selva.

CAPÍTULO TRÊS

As Lições do Balu

PASSARAM MUITOS ANOS. O Mogli viveu feliz com os lobos. A Mãe Loba e o Pai Lobo foram muito bondosos para ele e as quatro crias viam-no como seu irmão. Cresceu e foi ficando mais forte, enquanto ia aprendendo a viver na selva.

Sempre que se sentia sujo ou tinha calor, nadava nos lagos da selva. Quando tinha fome, comia nozes e fruta ou mel das abelhas

silvestres. Em pouco tempo, aprendeu a trepar quase tão bem como nadava, e a nadar quase tão bem como corria.

Todos os dias, o Mogli ia visitar o Balu. O velho e sensato urso ensinou-lhe tudo o que precisava de saber sobre a selva.

Ensinou-o a perceber se um ramo estava podre antes de lhe trepar para cima. Ensinou-o a falar com educação às abelhas silvestres, se encontrasse uma colmeia. E o Mogli aprendeu a avisar as cobras-de-água nos lagos, antes de mergulhar.

Depois, havia também os chamamentos. Cada criatura na selva tinha um chamamento diferente e o Mogli teve de aprender a reconhecê-los todos para pedir ajuda, se precisasse.

Muitas vezes, se não aprendesse o que o Balu lhe ensinava, o urso batia-lhe com uma das grandes patas. De vez em quando, também era maroto. Como a maior parte das crianças, odiava passar a manhã toda sentado. O Balu

ficava muito chateado quando o Mogli não parava quieto e não prestava atenção.

De vez em quando, o Baguera, a pantera negra, vinha assistir às lições. Estendia-se num ramo, ronronando delicadamente, observando e escutando.

Um dia, o Balu batia no Mogli no preciso momento em que o Baguera chegava.

O rapazinho fugiu, assustado.

O Baguera disse:

— É muito pequeno. Não pode lembrar-se de tudo o que lhe ensinas.

Mas o Balu respondeu:

— Ninguém na selva é demasiado pequeno para ser morto. Tem de aprender. É por isso que, às vezes, tenho de lhe dar uma palmada meiga.

— Meiga! — troçou o Baguera. — A pobre criança está coberta de nódoas negras das tuas patorras «meigas».

— Ensinava-lhe chamamentos — explicou o Balu. — E ele não prestava atenção.

— Gostava de os ouvir — disse o Baguera.
— Onde estás, Mogli? — chamou.

— Aqui em cima — disse uma voz fina e zangada por cima deles. — Dói-me a cabeça.
— Deslizou por um tronco abaixo, ainda irritado.

— Mogli — começou o Balu, delicadamente —, deixa o Baguera ouvir os chamamentos que te ensinei hoje.

Ouvindo aquilo, o Mogli animou-se. Adorava uma oportunidade para mostrar os seus talentos.

— Chamamentos de que criaturas? — perguntou. — A selva tem muitas línguas. Conheço-as todas!

— Muito bem — disse o Baguera, rindo-se.
— Diz-me como chamarias o milhafre.

Sem ter de pensar, o Mogli pôs as mãos junto à boca. Um som longo e cristalino saiu-lhe dos lábios.

— Muito bem! — elogiou o Baguera. — E se for a cobra?

O Mogli emitiu um silvo baixo e dilacerante. A seguir, deu um salto enquanto batia com as mãos uma na outra. Saltou para as costas do Baguera e ficou sentado em cima dele, tamborilando com os calcanhares na pelagem preta e brilhante.

O Baguera e o Balu riam-se tanto das travessuras do rapaz! Aprendeu os chamamentos na perfeição. O Balu encheu o peito de orgulho. O Baguera nunca mostrava os seus sentimentos, mas também estava orgulhoso.

O Mogli dava saltos no dorso do Baguera.

— Hei de ter a minha própria tribo! Serei o chefe! — gritou.

— Que gritas, Mogli? — perguntou o Baguera. — Para de saltar e conta-nos.

— Às vezes — começou o Mogli —, quando o Balu me bate, os macacos descem das árvores. Eles gostam de mim. Mais ninguém gosta de mim. — Estava quase a chorar.

— Os macacos! — grunhiu o Balu. — Os macacos não gostam de ninguém.

— Dão-me nozes para comer — continuou o Mogli. — Dizem que um dia serei o chefe deles. Divertem-se tanto, Balu. Porque nunca me levaste a conhecê-los?

O Balu olhou-o, muito sério.

— Ouve com muita atenção o que te digo, Mogli — disse o urso. — Não debes confiar nos macacos. Não têm leis como nós. Afasta-te deles.

O Mogli olhou para o Balu. Nunca o tinha ouvido falar com tanta seriedade.

— Desculpa, Balu — pediu o Mogli, baixando a voz.

O Balu abraçou-o.

— Não falaremos mais deste assunto — disse, com ternura.

CAPÍTULO QUATRO

Raptado!

TERMINADA A LIÇÃO da manhã, o Balu e o Baguera dormiram a sua sesta a meio do dia. O Mogli aninhou-se entre eles. Pouco tempo depois, ressonavam os três, satisfeitos.

De repente, dois grandes macacos desceram das árvores. Seguraram no Mogli pelas pernas e pelos braços e levaram-no para cima.

Ainda meio adormecido, o rapazinho debateu-se, mas não conseguiu escapar. Tentou

pedir ajuda, mas os seus gritos foram abafados pelos guinchos dos macacos.

Enquanto levavam o Mogli pela selva afora, ramos e folhas batiam-lhe na pele nua. Ficou com a cara e o corpo cobertos de arranhões.

Os macacos tinham mãos pequenas e rijas, e magoavam os braços do Mogli enquanto o puxavam.

Iam saltando de árvore em árvore e o Mogli sentiu-se zozinho. E se os macacos o deixassem cair? O chão estava muito lá em baixo.

Ficou com os olhos cheios de lágrimas ao pensar no Balu e no Baguera. Voltaria a vê-los?

Foi então que os macacos pararam para descansar. O Mogli estava em cima de uma árvore muito alta. A selva alongava-se à sua volta como um vasto oceano verde. E, no céu azul por cima, viu o Chil, o milhafre.

O Mogli encheu os pulmões. Depois, em voz alta, fez o chamamento do milhafre que o Balu lhe tinha ensinado nessa manhã.

O Chil voou imediatamente para baixo para ver o que se passava.

— Ajuda-me, por favor, Chil! — gritou o Mogli. — Procura o Balu e o Baguera. Diz-lhes onde estou.

Antes que o Chil tivesse tempo de responder, o Mogli foi novamente puxado para as profundezas da selva.

O Livro da Selva

*O clássico de Rudyard Kipling
contado aos mais novos.*

O Mogli, a cria de homem, vive na selva indiana, onde foi criado por lobos. Os seus amigos são o urso Balu e a pantera Baguera. O seu inimigo é o feroz tigre Shere Khan. A vida do Mogli é repleta de aventuras ao mesmo tempo que tenta encontrar o seu verdadeiro lugar na selva.



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.booksmile.pt



livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-707-298-7

7+



9 789897 072987

Leitura Infantil